

DESPOJAMENTO DAS FIXAÇÕES TERRENAS E UMA ABERTURA PARA DEUS: UMA APROXIMAÇÃO DO PENSAMENTO ECKHARTIANO

DETACHMENT OF THE EARTHLY FIXATION AND AN OPENING TO GOD: AN APPROACH TO ECKHARTIAN THINKING

Renato Kirchner¹

Antonio Carlos Rubia da Silva²

RESUMO

Tratando das bases do pensamento eckhartiano, podemos dizer que o período medieval foi um campo no qual se buscava, única e exclusivamente, a salvação, e que os caminhos para se chegar a ela deveriam ser seguidos sob perfeição.

Para Eckhart o amor é voltado para aquilo que gera consolação total, que é o próprio Deus. Caso se volte o amor para algo passageiro, como os bens materiais, encontra-se desconsolo. Assim, todos os pensamentos sobre como seguir a vida se resumem em um processo contínuo de santificação, no qual se pensa primeiramente no estilo de vida que conduz à salvação.

Palavras-chave: Eckhart. Mística. Deus. Divina Consolação. Salvação.

¹ Doutor em Filosofia pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Professor titular da Pontifícia Universidade Católica de Campinas (PUC-Campinas) e do Programa de Pós-Graduação em Ciências da Religião. *E-mail*: renatokirchner@puc-campinas.edu.br

² Graduado em Filosofia pela PUC-Campinas. Aluno do curso de Teologia pela mesma instituição. *E-mail*: carloskk.rubia@gmail.com

ABSTRACT

Dealing with the eckhartian thought, we can affirm that medieval era was a field in which one was searched exclusively the salvation, and the paths that lead to it ought be followed under perfection.

Under Eckhart's perspective, love is turned to what generates total consolation, which is the own God. If love is turned to something transitory, like material riches, it will find misery. Thus, all the thoughts on how following life are summarized in a continuous sanctification process, in which is reflected primarily the lifestyle that leads to salvation.

Keywords: Eckhart. Mystic. God. Divine Consolation. Salvation.

INTRODUÇÃO

A presente reflexão trata de como surge a necessidade de despojar-se das fixações terrenas, tendo em vista a relação direta com Deus, como Criador, e no qual devemos colocar todo nosso amor. Tem-se por base *O livro da divina consolação e outros textos seletos* (1991), de Mestre Eckhart, o qual analisaremos. Esse livro, como o próprio título enuncia, versa sobre a divina consolação e a íntima relação com Deus. Para chegarmos a tal compreensão de Eckhart, faremos uma breve abordagem histórica de sua época, apresentando fundamentos religiosos e culturais em vista de alguns questionamentos levantados em relação ao modo de pensar do místico.

Para acentuar o próprio pensamento eckhartiano, devemos evidenciar alguns breves dados históricos, com a finalidade de demonstrar em qual contexto histórico Mestre Eckhart viveu. Para tanto, nos apoiaremos na obra *A espiritualidade da idade média ocidental* (1995), de André Vauchez.

Como ponto de partida, é importante tratarmos do contexto histórico e social da Europa. A população era constituída basicamente da profissão de fé cristã, cuja conversão se deu por completo a partir dos anos 700. No século VIII, a partir da reestruturação do Império Carolíngio, o cristianismo tornou-se a religião oficial do Ocidente, em contraposição ao paganismo ainda remanescente em algumas regiões da Europa, as quais, aos poucos, também foram sendo evangelizadas.

Entretanto, a vida dos fiéis leigos e a dos ministros ordenados, no decorrer do século X até o século XI, em diversas regiões era muito parecida, visto que nesse período histórico houve uma forte decadência do clero. Observando esse período, vemos que a comunidade europeia estava passando por um processo de inculturação por parte de uma forte religiosidade popular.

Podemos ver que, segundo Vauchez (1995, p. 15-85), a sociedade era integralmente hierárquica. Toda a ordem eclesiástica estava constituída segundo os moldes da tradição romana (nos trajes de cunho político, nas edificações, e na formação ministerial) e, principalmente,

estava reestruturada sobre a liturgia e moralidade carolíngia. Com a instauração de tal império, o poder dos governantes foi, uma vez mais, justificado como divino e, como tal, cabia a eles zelarem pelo bom seguimento da doutrina cristã. Assim, a comunidade vivia algo não fortemente relacionado à fé, mas a costumes e tradições sociais que passaram a fazer parte de suas rotinas e que, apesar de tudo, eram pouco compreendidos.

Voltando-se mais à vida plenamente religiosa, porém, podemos observar que passaram a surgir comunidades, as quais se acentuaram ainda mais no século XIII, e que essas comunidades³, tanto de homens como de mulheres, praticavam unidas o ideal cristão, de tal forma que não era acessível aos fiéis que viviam fora delas. Podemos ver certo desdém por aqueles que viviam no mundo laical. Até o século XIII, então, toda a vida espiritual baseada em movimentos religiosos tem como ponto de partida e ponto de chegada as ordens religiosas.

O Abade Abbon de Fleury (apud VAUCHEZ, 1995, p. 55) descreveu como era a estruturação social da época, fazendo a seguinte distinção:

Entre os cristãos de ambos os sexos, sabemos bem que existem três ordens e, por assim dizer, três graus. O primeiro é dos leigos, o segundo o dos clérigos, o terceiro dos monges. Ainda que nenhum dos três seja isento de pecado, o primeiro é bom, o segundo melhor, o terceiro excelente.

Algo que veremos mais à frente, e que se relaciona com Mestre Eckhart, é que esse rumo tomado pelas ordens religiosas de como pensar a vivência religiosa acompanhou o período medieval, e resultou num forte significado da vida de um modo geral e, mais particularmente, de como se deveria compreender a vida cristã propriamente dita.

³ As ordens religiosas que floresciam e cresciam nesse período eram os cistercienses, dominicanos e franciscanos, sendo que pessoas abastadas e simples conviviam segundo o ideal monástico: “O fato de morrer em estado de vida monástica garantia, efetivamente, uma participação plena e total nos sufrágios, orações e graças dos religiosos, sendo a única condição a renúncia ao matrimônio e o despojamento das suas ‘honras’ e bens” (VAUCHEZ, 1995, p. 57).

Vemos aqui o lugar do leigo em meio à hierarquia católica da época, ou seja, ele era último. E a justificativa para tal concepção provém ainda de um sentido integralmente negativo ligado à concepção daquela época acerca da vida matrimonial, porque tudo o que está ligado à carne, nesse período, era relacionado ao pecado. O amor do ser humano não poderia estar dividido e focado em algo passageiro e mundano. Assim, o matrimônio viria para sanar uma debilidade do ser humano. Aquele que não conseguisse chegar à vida celibatária usaria do sacramento do matrimônio para não cair numa situação pior, ou seja, manteria-se tendo relação com uma única pessoa. E essa era a função do matrimônio: restringir ou reduzir a debilidade ou necessidade mundana ao casal. Ao passo que a virgindade era o fundamento da vida religiosa e tal pensamento moral vigorou por todo período medieval, segundo ressalta Vauchez (1995).

É importante também enfatizar que a visão dos leigos sobre todo esse contexto, sobre a hierarquia, não era propriamente negativa. Na verdade, eles compartilhavam dela e compreendiam que só poderiam alcançar a salvação através de uma proximidade entre eles e o mundo religioso que, de certa forma, parecia tão distante. Podemos ver isso nessa citação:

Para um leigo, o caminho da salvação passa pela tripla recusa, do poder, do sexo e do dinheiro, o que é a própria negação do seu estado. Mas o espírito medieval, inclinado às oposições contrastantes, só reconhece a conversão total. Só através da renúncia absoluta o cristão pode esperar tornar-se agradável a Deus (VAUCHEZ, 1995, p. 57).

Desse modo, mesmo os leigos, aqueles que ainda continuavam ligados ao mundo terreno ou temporal, procuravam imitar o máximo possível os preceitos e as observâncias monásticas. E isso, porém, caso observassem a necessidade de buscar alcançar a vida eterna, porque, caso contrário, não estariam procurando a redenção de suas faltas.

Após essa breve exposição do período histórico no intuito de esclarecer em que meio surge o modo de pensar de Mestre Eckhart,

podemos dizer que há uma razão para uma completa radicalidade em seu modo de pensar e viver no mundo, estando sempre ligado ao divino. Através disso, busca-se compreender como se dá a consolação e de onde provém a necessidade de um completo despojamento do que poderia ser chamado de “terreno”. Desse modo, podemos afirmar ainda que, o que de fato está por trás de toda essa realidade é o ideal de que tudo o que é realizado em vida destina-se a alcançar a plenitude da vida eterna e de forma exclusiva.

Como podemos observar no livro *A espiritualidade da idade média ocidental* (1995), uma das mais relevantes contribuições da influência dominicana para a espiritualidade ocidental reside indubitavelmente no misticismo renano e que encontrou sua expressão mais acabada, em princípios do século XIV, na obra de Mestre Eckhart:

Com efeito, é este o nome mais representativo de todo uma corrente de pensamento e de experiência que se desenvolveu entre 1270 e 1330 na província dominicana da Teutônia (na generalidade, o atual vale do Reno e as regiões adjacentes), presente em teólogos como Thierry de Freiberg ou Nicolau de Estrasburto, e também em conventos de dominicanos como os de Unterlinden, em Colmar, e de Töss, ou ainda junto de algumas beguínas de Colônia ou Strasburgo. Neste quadro se operou efetivamente o encontro entre a mística da Essência, inspirada pelo neoplatonismo de Prócuro e sobretudo do pseudo-Dinis, o Areopagita, que pretendia inclinar as inteligências hierárquicas àquele perfeito conhecimento de Deus que é expresso pela metáfora das trevas, e a mística nupcial, que, desde São Bernardo, identificava a procura e os encontros entre a alma humana e o seu Deus com a relação amorosa culminando no êxtase, tal como a descreve *O Cântico dos Cânticos* (VAUCHEZ, 1995, p. 155-156).

1 CONCEITUAÇÃO DE MÍSTICA

Como texto introdutório ao *Livro da divina consolação e outros textos seletos* (1991), Leonardo Boff aprofunda a conceituação de **mística** para que haja uma melhor compreensão do termo ligado à obra de Mestre Eckhart. Assim, são elencados dois pontos cruciais para um encontro com Deus. Um é o do seguimento e o outro é o da mística.

O primeiro se dá muito mais por um contato de conhecimento teórico e histórico da pessoa de Jesus Cristo no caso do cristianismo, como nos aponta Leonardo Boff (1991, p. 9-48). Conhecer o mestre (Jesus Cristo) e suas ações, provoca certo desejo por seguimento, com a finalidade de repetir seus gestos e ações em todo o contexto da vida do fiel cristão. Também aqui ele necessita o total dado pela fé. Acreditar que, de fato, em Cristo, Deus se mostrou e se entregou por nós, esse é o caminhar na fé cristã. Na verdade, isso fomenta uma transformação pessoal e em níveis sociais muito profundos. Assim, vida da comunidade cristã semearia o reino de Deus na Terra, fazendo com que todos seguindo o Mestre se tornassem outros Cristos. De fato, esse é o caminhar no seguimento propriamente dito.

Por outro lado, o caminhar na mística revela uma experiência com o divino também de forma individual; no entanto, isso pode dar-se num mundo todo, independentemente do credo religioso. No caso do cristianismo, isso se dá através da revelação de Deus em Cristo pela ação do Espírito Santo.

Assim, de acordo com a concepção cristã, “mística” é um adjetivo para o termo mistério⁴. Mistério diz respeito a algo guardado por Deus, um segredo íntimo, seu plano último para a humanidade e que, no fundo, é Jesus Cristo, revelado pela Igreja Apostólica.

⁴ “Mistério”, segundo o *Novo dicionário de Teologia* (2009), organizado por Juan José Tamayo, é um termo comumente empregado na linguagem religiosa e propriamente cristã. Esse termo, segundo sua etimologia, refere-se àquilo que é “secreto” e “obscuro” e, por isso, o conhecimento humano não conseguiu acessá-lo. Na teologia cristã, concebe-se que os “autênticos mistérios” só podem ser revelados por Deus, pois nós não o compreendemos pelas nossas capacidades sensíveis e racionais.

Assim, “mística” além de implicar em “mistério”, de conhecer e reconhecer Deus como mistério, pressupõe a manifestação de Deus, que age na humanidade como Providência Divina. Com efeito, as duas vias – do seguimento e da mística – se relacionam nesse ponto. Porque conhecer o Mestre, através dessa experiência, implica seguimento sempre e necessariamente.

Em outros termos: a experiência mística implica uma experiência com o princípio criador de tudo, com Deus, sendo uma relação entre Deus e ser humano. Entre o não criado, mas que cria, com o não criador, mas criado.

Leonardo Boff apresenta dois pontos para se chegar a uma unidade com esse Uno para que exista uma relação direta entre Deus e o mundo. Num primeiro momento, temos a mística do desnudamento, como ele apresenta (BOFF, 1991, p. 11-18). Essa se dá através de um esquecimento do próprio ser existente e engendrado, para se identificar única e exclusivamente com o Uno. Assim se esquece, ou deixa de lado tudo o mais que existe ao seu redor. Tudo que ao seu redor que é material e passageiro perde o seu sentido, o que só é encontrado no Uno, como nos lembra novamente Boff. A segunda via mística é a da inserção no mundo, ou seja, buscando Deus, tudo se torna sinal de sua presença e, apesar da distância, Deus se torna próximo. Apesar de ser totalmente diferente e distinto, Ele une-se ao ser humano.

Tudo isso implica o desejo de buscar a Deus. O preço a pagar é o de não ser preguiçoso, é o de se esforçar para conseguir vivenciar a experiência de união mística. É preciso desejar tal experiência de todo coração, querer viver para tal encontro com o Sagrado.

Outra conceituação de mística pode ser encontrada no texto de André Vauchez e é a seguinte:

Entre a via teológica e a via mística existe uma profunda divergência: o objetivo da segunda não consiste em arrancar a Deus os seus segredos, mas antes em permitir à alma experimentar a sua presença e unir-se a ele (VAUCHEZ, 1995, p. 193).

O unir-se a Deus também se faz presente no pensamento eckhartiano, sendo que todas as pessoas possuem a presença de Deus em si. Isso porque Deus não é algo limitado, uma vez que pode estar presente em todos os lugares ao mesmo tempo. Desse modo, as criaturas podem se ligar a Ele, pois nossa existência participa da existência do Criador que não depende de nada para existir. No entanto, nós dependemos de sua existência para existir e, num processo de experimentar a unidade com o Criador, tudo é religado a Deus, reconhece Boff (BOFF, 1991, p. 31-48). Despojar-se de nós mesmos é buscar encontrar e viver em Deus em todo momento e em qualquer lugar.

2 O LIVRO DA DIVINA CONSOLAÇÃO

O livro da divina consolação e outros textos seletos (1991), de mestre Eckhart, é um tratado escrito sobre a consolação divina em relação a toda forma de aflição que atinge o ser humano. De forma especial ele foi escrito para a Rainha Inês da Hungria num momento de desconsolo. Com efeito, ao falar um pouco mais sobre esta obra de Mestre Eckhart, podemos dizer que o tratado toma por base que a aflição afeta o ser humano de três formas, como o autor mesmo nos demonstra:

Um nasce dos danos aos bens externos, outra dos danos que atingem seus parentes e amigos, e a terceira, dos danos advindos à sua própria pessoa, na desestima, na desgraça, nos sofrimentos corporais e nas aflições do coração (ECKHART, 1991, p. 52).

Para alcançar seus objetivos, Eckhart divide sua obra em três partes. Na primeira, o autor deseja apresentar verdades da realidade para a consolação humana; na segunda, apresenta trinta pontos de doutrina com o mesmo intuito, a consolação; e, num terceiro momento, apresenta-nos exemplos vividos por homens sábios. Vejamos isso, portanto, em maiores detalhes.

Na primeira parte do livro, o autor deseja nos mostrar a relação existente entre o Criador e a criatura. O Criador como aquilo ou aquele que não é criado e não é, para tanto, engendrado. No entanto, engendra a todas as demais coisas, as criaturas; por outro lado, a criatura é criada e não cria, é engendrada, mas não engendra. Dessa forma, aquilo que a criatura é enquanto ser, ela o é como participação e emanção do que o Criador é. A criatura possui, para tanto, a sua vida em Deus. Ao propor uma justificativa para esta proposição, Eckhart cita o próprio Evangelho: “Assim como o Pai tem a vida em si mesmo, assim deu ao Filho ter a vida em si mesmo” (Jo 5,26). Dessa forma, a existência da criatura depende da existência do Criador existindo nela. E, assim, segue-se outra citação feita pelo autor do Evangelho de João: “O poder e a capacidade de se tornarem filhos de Deus foi dado a todos aqueles que não nasceram do sangue, nem da vontade da carne, nem da vontade do varão, mas por Deus e de Deus somente” (Jo 1,12s) (ECKHART, 1991, p. 54).

O sangue é entendido como o que é natural ao ser humano, não estando à mercê de sua vontade. A vontade da carne está à mercê da vontade humana, apesar de o ser humano ainda poder relutar. Pertence também àquilo que favorece a concupiscência da carne e àquilo que faz parte da corporeidade e da alma humana ao mesmo tempo, não pertencendo ela a si mesma. A vontade do varão é o que pertence unicamente à alma e em instante algum se mistura com o material, não se envolvendo com o tempo ou com o espaço, mas somente com o que se relaciona com Deus.

Mestre Eckhart procura também esclarecer que a paternidade das criaturas deve ser atribuída àquele que as cria e engendra, a fim de que tome posse de tudo o quanto pertence ao Criador por “ter o mesmo e único ser” (ECKHART, 1991, p. 54).

A seguir, abraçando o pensamento agostiniano, Eckhart discorre sobre a necessidade de se colocar integralmente sob a vontade de Deus e nada mais. O sofrimento possui, portanto, relação ao não se aproximar do Criador, pois nada seria capaz de causar dor e sofrimento àquele que é justo, ou seja, àquele que caminha na justiça. Para isso,

Eckhart cita Salomão para esclarecer o conceito de justo: “Nenhum mal atingirá o justo” (Pr 12,21) e reforça: “Não diz o homem justo, nem o anjo justo, nem este ou aquele ser. Ele diz: o justo” (ECKHART, 1991, p. 55). Assim, implica a relação filial uma vez mais, o ser humano só poderá, para tanto, considerar a Deus somente como verdadeiro Pai e Criador, o qual é a justiça. Dessa maneira, o ser humano é o filho da justiça e como tal, ele é a justiça engendrada, o justo. Consequentemente, nenhum mal poderá atingi-lo, da mesma forma que nada atinge a Deus.

Caso o ser humano deixe se abalar pelo sofrimento, é porque ele não possui todo o seu ser voltado para Deus e, por isso, ainda está inclinado para a vida terrena. Deus está no seu direito de permitir que algum mal ocorra àquele que se supõe ser justo. Ao invés de se abalar por isso, o ser humano, que é justo, deveria se alegrar, e se alegrar mais ainda do que pelo fato de estar vivo, pois este segue a vontade de Deus. Assim, aquilo que é angustiante e traz sofrimento, é porque advém de um apego existente entre aquele que sofre e a privação daquilo que lhe fora tirado.

Podemos notar, nesse ponto, como o próprio pensamento de Mestre Eckhart apresenta um amor integralmente voltado para Deus. Assim, não haveria espaço nem ao menos para um matrimônio, pois de fato o amor estaria dividido entre Deus e a criatura, o que causa desconsolo, porque tudo aquilo que é passageiro e terreno é contingente, possui finalidade e um dia poderemos ser privados disso em nossa existência. No entanto, se voltarmos todo nosso existir para Deus, aí então haverá uma consolação completa em nosso existir, agiremos como justos e jamais seremos abalados pelas privações que a vida pode nos apresentar. Aqui se esboça a radicalidade do pensamento eckhartiano e, como o pensar místico, acaba por direcionar toda a sua vida terrena e faz também com que o seu viver seja direcionado para a vida eterna unicamente e não para a presente.

Num segundo momento de seu tratado, Eckhart nos apresenta trinta pontos de doutrina nas quais se pode encontrar consolação. No decorrer desses pontos doutrinários, Eckhart se fixa na ideia de que

nada que aconteça de mal será um fato unicamente desventuroso, fundamentando-se num pensamento paulino, o qual nos diz que Deus jamais permitiria que tal mal nos acontecesse sem que tivéssemos força para resistir-lhe.

A consolação também acontecerá na medida em que não criarmos tanto apreço por aquilo que a perda poderá nos privar, para que nos voltemos de forma homogênea para o Criador, lembrando que em tudo o que acontece deve-se encontrar um motivo para dar graças a Deus. Nessa parte da obra fica claro o nível de radicalidade do pensamento eckhartiano, pois ele aponta determinadas situações que fazem parte do cotidiano humano e, que por mais se demonstre dor e sofrimento, tudo isso serve para preocupar-se com o terreno e mover o foco de sua vida aos desígnios escolhidos por Deus e, assim, sujeitá-los aos desejos e vontades humanas. A seguinte citação bem expressa isso:

Digo, outrossim: Todo sofrimento vem do amor e da inclinação. Portanto, se sofro por causa de coisas transitórias, a razão disso está em que eu, com meu coração, continuo a amar e a pender para as coisas que passam; não amo a Deus com todo o meu coração, e ainda não amo o que Deus quer ver amado por mim e com ele. Assim sendo, por que me admiro que Deus consinta, e com toda a justiça, que eu sofra agravos e dores? (ECKHART, 1991, p. 58).

Desse modo, as dores e sofrimentos que passamos na vida devem ser aceitas, mediante o fato de que nosso amor deve estar voltado para Deus e nele depositarmos nossa confiança. Seja nas dores, sofrimentos ou alegrias, os seres humanos devem aceitar a vontade de Deus. Segundo a compreensão de Eckhart (1991), só Deus tem valor; os demais, as coisas do mundo e quem ama o mundo, não possuem valor, pois tudo é por causa do nome de Deus. Há aqui uma acentuada radicalidade no pensamento eckhartiano, o que o torna inequivocamente um dos maiores expoentes da mística medieval.

Na terceira e última parte do livro, fica ainda mais clara e forte a presença de seu embasamento e fundamentação, onde Eckhart pauta-

se na obra literária testamentária, quer seja do testamento hebraico ou cristão. De fato, tal caminhar do Antigo para o Novo Testamento, no decorrer de sua obra, apresenta-se como uma paideia tipicamente cristã.

O valor de Deus é enaltecido uma vez mais, na medida em que Eckhart o coloca em destaque. Ao apresentar um de seus exemplos, o autor demonstra que seria uma ignorância tremenda pedir ao Criador saúde para a vida terrena em caso de doenças. Pedir algo a Deus nesse momento implicaria conhecer a grandiosidade Dele e a inferioridade da vida terrena:

Mas é verdade certa que, em comparação a Deus, todos os bens, e mesmo a criação inteira, valem menos que uma fava, comparada a todo este mundo corporal. Por isso, posto que seja homem bom e sábio, cabe-me desdenhar, com razão, o desejo de pedir que Deus me dê saúde (ECKHART, 1991, p. 85).

Eckhart coloca também sua atenção no pensamento grego, onde reconhece autores pagãos como Sócrates e Sêneca. Eles são apresentados por Eckhart como fontes de exemplos de vida e de doutrina, às qual os seres humanos devem seguir em uma busca de negar a si mesmo e, dessa maneira, abraçar a vontade divina, encontrando a verdade. Assim, Eckhart (1991) encerra sua obra suplicando a Deus que conceda a todos a graça de tomar ciência da verdade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir da análise histórica, pode-se chegar a um ponto em que Mestre Eckhart se revela como um seguidor fiel do estilo de vida cristã e de uma radicalidade mística toda singular em sua época. Para ele, o desconsolo se dá a partir de uma inserção de vida na realidade de seguidor de Cristo, implicando seguimento e busca num caminho que conduza à salvação, o que estaria presente em todos os âmbitos da própria vida terrena.

Esse seguimento se dá a partir do conhecimento de Cristo. Tal conhecimento impulsiona a existência a uma nova conduta de vida, ou seja, guiada mesmo em questões comportamentais e de vivência da fé. Surge, então, um desligamento de certa devoção, ou demonstração de afeto, desejo de posse e domínio pelas coisas presentes na realidade terrena, seja isso em relação a pessoas seja em relação a objetos de valor ou ideais humanos.

A radicalidade eckhartiana se demonstra principalmente no ato de em tudo dar graças a Deus e, além disso, consolar-se através do ato de voltar todo o amor e devoção pessoal ao Criador, pois é a única coisa que de fato temos e que é eterna e imutável. Por isso, então, a necessidade de se despojar das coisas terrenas, já que, caso contrário, as pessoas cairiam em grande aflição e desconsolo.

A possibilidade de tal afeto para com Deus se dá por um encontro místico. É necessário que haja uma credibilidade ou fé na existência do Criador, e que tenha ocorrido uma experiência mística que é pessoal, a fim de que, conhecendo Cristo, seja possível segui-lo. Nele, sendo o Verbo engendrado, deve-se depositar todo amor e assim ser consolado.

Tendo em vista as implicações elencadas acerca do seguimento de vida cristã para o despojamento, podemos observar que a experiência mística fornece bases para um completo despojamento, e direcionamento da vida terrena para a unidade plena com o Uno, como podemos nos aponta Boff (1991). Assim, seria justificável um despojamento das fixações a partir de uma abertura para Deus, como é proposto por Eckhart.

REFERÊNCIAS

BOFF, L. Mestre Eckhart: a mística da espiritualidade e da libertação. In: **MESTRE ECKHART. O livro da divina consolação e outros textos seletos**. Tradução de Raimundo Vier et al. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 1991. p. 51-88.

MESTRE ECKHART. O livro da divina consolação e outros textos seletos. Tradução de Raimundo Vier et al. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 1991.

_____. **Sermões alemães**. Tradução e Introdução de Enio Paulo Giachini; revisão da tradução de Marcia de Sá Cavalcante Schuback; apresentação de Emanuel Carneiro Leão. Bragança Paulista: Editora Universitária São Francisco. Petrópolis: Vozes, 2006. v. 1.

TAMAYO, J. J. (Org.). **Novo dicionário de teologia**. Tradução de Celso Márcio Teixeira, Antonio Efro Feltrin e Mário Gonçalves. São Paulo: Paulus, 2009.

VAUCHEZ, A. **A espiritualidade da idade média ocidental**. Tradução de Teresa Antunes Cardoso. Lisboa: Estampa, 1995.